

POLÍTICA E EDUCAÇÃO: NOTAS ACERCA DA RELIGIÃO COMO IDEOLOGIA A PARTIR DE GRAMSCI E SEUS DESDOBRAMENTOS NA EDUCAÇÃO

POLITICS AND EDUCATION: NOTES ON RELIGION AS AN IDEOLOGY FROM GRAMSCI
AND ITS CONSEQUENCES IN EDUCATION

POLÍTICA Y EDUCACIÓN: NOTAS SOBRE LA RELIGIÓN COMO IDEOLOGÍA DE GRAMSCI Y
SUS DESARROLLOS EN EDUCACIÓN.

Anita Schlesener

RESUMO

Este artigo traz algumas reflexões sobre a religião como ideologia a partir dos escritos de Antonio Gramsci, tendo como referência básica *artigos escritos em 1916 e 1917* e fragmentos dos *Cadernos do Cárcere*, nos quais o autor explicita o significado do ideário religioso na formação do senso comum e a luta de classes como força que move a história. Gramsci acentua as contradições que perpassam a democracia burguesa e como a religião na Itália defende seus interesses políticos e ideológicos pela tentativa legal de controle da educação. Procura-se demonstrar ainda a atualidade destes textos ante os últimos acontecimentos que marcaram a política brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: religião, ideologia, luta de classes, educação.

ABSTRACT

This article brings some reflections on religion as ideology from the writings of Antonio Gramsci, having as basic reference articles written in 1916 and 1917 and Prison Notebooks fragments, in which the author explains the meaning of religious ideas in the formation of common sense and the class struggle as a driving force in history. Gramsci stresses the contradictions that pervade bourgeois democracy and how religion in Italy defends its political and ideological interests by the legal attempt to control education. It also seeks to demonstrate the relevance of these texts in view of the latest events that marked Brazilian politics.

KEYWORDS: religion, ideology, class struggle, education.

RESUMEN

Este artículo trae algunas reflexiones sobre la religión como ideología a partir de los escritos de Antonio Gramsci, teniendo como referencia básica artículos escritos en 1916 y 1917 y fragmentos de *Cadernos do Cárcere*, en los que el autor explica el significado de las ideas religiosas en la formación del sentido común. y la lucha de clases como motor de la historia. Gramsci destaca las contradicciones que impregnan la democracia burguesa y cómo la religión en Italia defiende sus intereses políticos e ideológicos mediante el intento legal de controlar la educación. También busca demostrar la relevancia de estos textos frente a los últimos hechos que marcaron la política brasileña.

PALABRAS CLAVE: religión, ideología, lucha de clases, educación.

INTRODUÇÃO

A leitura de Gramsci tem sido, a partir do materialismo histórico, fundamental para refletir sobre o projeto geopolítico mundial que se instaurou desde 1970 e que tem expressão no neoliberalismo, com especificidades no Brasil onde toma a forma de crise orgânica. O ideário neoliberal, nas décadas seguintes, arrebatou o senso comum e tornou-se a concepção de mundo que forma o imaginário social dos trabalhadores, de modo que estes não se reconhecem mais como classe social nem como parte de uma coletividade que sofre as mesmas dores e as mesmas humilhações impostas pelas relações capitalistas de produção. Vivemos a realidade de uma alienação cultivada ao longo dos anos pelos meios de comunicação de massa, pelas religiões e por relações familiares patriarcais que se exteriorizam nos altos índices de feminicídio e no abandono dos filhos deixados a cargo das mulheres.

A luta de classes assume vários nuances, porém, neste início de século, ostenta uma dimensão ideológica fundamental para a conservação das relações de domínio. São “formas discursivas que atuam na eliminação da subjetividade e da historicidade dos subalternos” (DIAS, 2012, p. 108), destruindo as possibilidades de formar uma unidade de pensamento insurgente. O “próprio da subalternidade é precisamente a subsunção da suas subjetividades e práticas às dos dominantes”, acompanhadas da “subtração da racionalidade e afetividade dos subalternos”, colocando-os no horizonte ideológico dos dominantes (DIAS, 2012, p. 104).

Da perspectiva das relações de hegemonia, atinge-se o senso comum, forma-se um consenso passivo que se assemelha a uma paralisia mental, que não reconhece mais a realidade efetiva das coisas. Nunca se teve tantos trabalhadores e a grande dificuldade de uma organização política se encontra na impossibilidade de uma unidade com base em uma identidade de classe. Trata-se de uma nova dimensão da luta de classes que garante o exercício do domínio do capital pela formação de uma concepção de mundo.

Para Losurdo (2015, p. 57), na luta de classes, a religião, assim como a arte, promove “uma ilusória evasão do conflito”, ilusão que passa pelo conceito de natureza humana ou mesmo pela valorização da natureza em si, com exclusão da política. “A luta de classes não somente abrange as diversas relações sociais, mas se desenvolve também no plano ideológico, sem poupar a religião” (LOSURDO, 2015, p. 52).

A partir de Gramsci, ao lado da religião acrescentaríamos a linguagem, cuja força de abstração elide o conflito e suprime a possibilidade de identificar contradições e fissuras da realidade. As palavras podem esclarecer, mas também ocultar a realidade efetiva. Cabe lembrar que a concentração em um aspecto da realidade sem uma visão de totalidade que implica levar em conta os elos sociais, políticos e culturais produzidos no

movimento histórico, já se apresenta como uma opção política que, valorizando o parcial, positivo, exclui da análise o conflito e as contradições que o geram. A valorização de apenas um aspecto da natureza humana já apresenta, em si, um significado político e ideológico. A esta abstração adiciona-se o fato da naturalização de relações e de conceitos, o que acaba perpetuando preconceitos e visões de mundo.

A questão da educação e da ideologia no processo educativo assumem a maior importância ante as transformações políticas e culturais que se afirmam neste início de século. Embora os escritos de Gramsci sejam contextualizados e nos remetam à história da Itália e o capitalismo apresente novas configurações, seu pensamento possui uma grande atualidade no que se refere ao processo educativo, sempre pressupondo as relações de hegemonia e a luta de classes.

Desta perspectiva, apresentamos algumas notas sobre a questão da religião e da ideologia, também pertinentes neste início de século quando temos religiões fundamentalistas que tomam lugar na política e na formação das novas gerações. São notas breves em vista da profundidade do tema nos escritos gramscianos, a fim de explicitar aspectos da educação e seus pressupostos ideológicos.

Religião, política e ideologia: aspectos da leitura gramsciana.

Nossas breves notas se concentram em buscar nos escritos de 1916 e 1917 publicados em *Il Grido del Popolo* e no *Avanti!* a crítica gramsciana ao ideário religioso especificamente para acentuar a dimensão da ideologia e seus desdobramentos na educação. Já nestes anos Gramsci evidencia as alianças e pactos entre Igreja e Estado, com consequências desastrosas na educação e na formação do senso comum ou de um consenso passivo. A Igreja católica sempre procurou tirar vantagem destas alianças, de modo inclusive a render o Estado, que se submete, como por ocasião da Concórdia assinada com Mussolini. O Estado, ao ceder aos interesses da Igreja põe a nu a sua fragilidade e garante a continuidade dos privilégios milenares que a Igreja consolidou.

Nos Cadernos do Cárcere (Q. 16, parágrafo 11 – *Relações entre Estado e Igreja*) este tema é retomado acentuando que a concordata não é um acordo internacional bilateral, mas sim uma interferência na soberania do Estado sobre a qual o “poder soberano de um Estado estrangeiro justifica e reivindica certos direitos e poderes de jurisdição”, sem uma contrapartida para o Estado italiano (GRAMSCI, 1978, p. 1966-1867). O significado ideológico deste acordo se apresenta no fato que a Igreja, como organismo mundial, exerce um poder “extratemporal”, alicerçado no discurso da verdade absoluta. A isso se alia o fato de o Estado “renunciar a ser o centro permanentemente ativo de sua própria cultura autônoma”. No caso italiano, o “Estado não só não intervém como centro autônomo, mas destrói qualquer oponente da Igreja que tenha a capacidade de limitar seu domínio espiritual sobre as multidões” (GRAMSCI, 1978, p. 1872).

Em outras palavras, a questão religiosa na Itália é fundamentalmente política e tem desdobramentos ideológicos na formação das classes trabalhadoras.

Retomamos na sequência o Caderno 7, parágrafo 38, intitulado *Análise do conceito de natureza humana*, fragmento que tem como objetivo esclarecer o conceito de igualdade e seus fundamentos religiosos. A “religião, com a sua ideia de deus-pai e homem-filho, portanto, iguais”; esta ideia perpassa o senso comum e se alia a propósitos políticos liberais, articulando-se às ideias de liberdade e fraternidade. Este conceito de igualdade é utópico e profundamente ideológico porque, ao não corresponder à realidade efetiva das coisas, mascara as verdadeiras relações nascidas da exploração e expropriação do trabalho (GRAMSCI, 1978, p. 887).

Este argumento retorna em outros fragmentos para salientar a relação entre a perspectiva religiosa e a teoria democrática liberal “ligada à concepção de ‘natureza humana’ idêntica e subdesenvolvida, conforme foi concebida antes de Marx e segundo a qual todos os homens são fundamentalmente iguais no reino do Espírito”, no caso, “Deus-pai de todos os homens” (GRAMSCI, 1978, p. 756).

Ainda no Caderno 7, parágrafo 35, a propósito do materialismo histórico, Gramsci salienta que o problema do que é o homem “é sempre o problema da ‘natureza humana’” ou do homem genérico, abstrato, uma abstração metafísica “na qual se possa conter todo o ‘humano’”. A resposta mais satisfatória é que o homem é o conjunto das relações sociais e que “muda continuamente com a mudança das relações sociais”. Pode-se também “dizer que a natureza do homem é a ‘história’”, dando-se “à história o significado de devir” (GRAMSCI, 1978, p. 885).

É verdade que tanto as religiões que afirmam a igualdade dos homens como filhos de Deus quanto as filosofias que afirmam sua igualdade como participantes da faculdade de raciocínio foram expressões de movimentos revolucionários complexos (a transformação do mundo clássico - a transformação do mundo medieval) que colocou os elos mais poderosos no desenvolvimento histórico (GRAMSCI, 1978, p. 885).

É verdade também que a ideia de igualdade numa sociedade profundamente desigual serviu e serve para mascarar os conflitos e manter as relações de poder por meio de uma estrutura democrática meramente formal. A força (mas também a fraqueza) do liberalismo se encontra nesta estrutura que elide a desigualdade social, atribuindo-a ao fracasso individual dos sujeitos nas suas experiências individuais.

Esta concepção que se dissemina na formação do senso comum se consolida na estrutura do direito e do regime representativo, que são a expressão clara da separação entre forma e conteúdo, base de sustentação do sistema democrático parlamentar. O

individualismo e a ideia de uma natureza humana criada externamente e imóvel no tempo e no espaço formam as condições da ideologia liberal.

Na história a “igualdade” real, ou seja, o grau de “espiritualidade” alcançado pelo processo histórico da “natureza humana” se identifica no sistema de associações “privadas e públicas”, explícitas e implícitas que se entrelaçam no “Estado” e no sistema político mundial: trata-se de “igualdades” entendidas como tais entre os membros de uma associação e de “desigualdades” percebidas entre as diversas associações, igualdades e desigualdades que valem enquanto se tenha delas consciência individual ou de grupo (GRAMSCI, 1978, p. 886).

Para compreender a realidade efetiva torna-se necessário assumir uma visão de conjunto alcançando uma totalidade a mais abrangente possível, a fim de entender as contradições que perpassam a formação econômica e social, mantida por um horizonte ideológico que se enraíza no senso comum. Desta perspectiva, cabe entender que tudo é política e que a questão da igualdade, seus limites e possibilidades só se esclarecem com a filosofia da praxis.

Nesta abordagem, a questão da natureza humana enquanto ponto de partida para entender o que é o homem é um resíduo metafísico e teológico que cabe superar a partir do entendimento de que tudo se produz e se transforma no movimento histórico. Tanto a “religião, que afirma a igualdade dos homens como filhos de Deus e as filosofias que afirmam a sua igualdade como participantes da faculdade de raciocinar foram expressões de complexos movimentos revolucionários” como parte significativa do movimento histórico (GRAMSCI, 1978, p. 885). Com a consolidação das mudanças, tornaram-se instrumentos ideológicos de conservação da ordem instituída.

Importante assinalar que este tema que se apresenta aqui como uma reflexão sobre a natureza humana já fazia parte dos escritos jornalísticos de juventude, como o artigo publicado em *Il Grido del Popolo* (22/12/1917), *Il tramonto di un mito*, no qual já fazia a relação entre o ideário cristão de que todos os homens são iguais como filhos de Deus e o projeto socialista de transformar o mundo. Três dias depois publica *Il triangolo e la croce*, com a finalidade de mostrar a disputa política entre a maçonaria e o cristianismo na formação do imaginário social e na participação da estrutura de poder instituída pela política liberal. As reflexões de Gramsci parecem se encaminhar no sentido de mostrar a articulação entre religião e política instituinte do Estado moderno.²

Deus equivale ao grande arquiteto: o olho que persegue Caim os maçons o aprisionaram em um triângulo, talvez antes que uma sentença de morte executada com a cruz, de acordo com o costume romano, desse aos católicos o seu símbolo. Maçons e católicos colocam fora do mundo e da história, as causas da vida do mundo, do devir histórico (GRAMSCI, 1975, p. 349).

Não compreendem ou não admitem a luta de classes, mas apenas o dualismo expresso no “Bem contra o Mal, Abel contra Caim” (GRAMSCI, 1975, p. 349). Os mitos se reproduzem consolidando relações de poder: para os católicos, a causa de tudo é a “Providencia Divina; para os maçons e os democratas, é a Humanidade, ou outros princípios abstratos: a Justiça, a Fraternidade, a Igualdade. São religiosos no pior sentido da palavra”, tanto uns quanto outros. Não compreendem a substância dos acontecimentos históricos. “São sectários e autoritários”, beneficiando-se do poder. Se encontram algum adversário em seu caminho, “procuram eliminá-lo com meios oblíquos, traiçoeiros”; usam armas desleais como insinuações e calúnias, tanto entre si (católicos e maçons) quanto contra outros (GRAMSCI, 1975, p. 350).

O tema retorna no artigo *Spirito Associativo* (14/02/1918), onde acentua que na Itália não se tem um espírito de solidariedade, “fato que tem origem na tradição católica, que comprime a individualidade” e a desenvolve; já o protestantismo reagrupa os indivíduos e faz surgir a solidariedade e a resistência. Na verdade, o que se chama espírito associativo é algo “exterior, que não requer trabalho nem sacrifício”. Trata-se de superar o individualismo burguês para se poder criar elos de vida coletiva (GRAMSCI, 1975, p. 371).

A solidariedade exige “superar o individualismo com um crescimento maior da personalidade, a qual reconhece a si mesma mais naquilo que tem em comum com os outros” que nas peculiaridades diferenciadoras. O indivíduo, então, “se enriquece com as experiências de todos os outros homens”, com os quais condive as dores e as esperanças de todos sentindo-se assim parte da humanidade. Porém, este espírito é pouco difundido na Itália e tudo se opõe ao seu aprimoramento. A “atividade do Estado, desigual e policialesca, que obriga à hipocrisia, ao subterfúgio astucioso”, incentiva o clientelismo. A “maçonaria é a associação típica para esta situação”. A “astúcia, a violência, o engano, a fraude, substituem a atividade produtiva das ideias e das ações”. Se agrupam porque “a união faz a força” e o número pode assustar os políticos de plantão pressionados a conceder favores particulares (GRAMSCI, 1975, p. 372).

Cabe lembrar o embate de Gramsci com socialistas em *Audacia e Fede* (22/05/1916), quando acentua que o socialismo substitui na consciência o Deus transcendente dos católicos pela “confiança no homem e nas suas melhores energias como única realidade espiritual”. Que o “amor e a fraternidade devem significar somente solidariedade de classe” para alcançar resultados fecundos na construção de uma nova civilização (GRAMSCI, 1975, p. 148). O socialismo se encontra no extremo oposto ao catolicismo:

Também pela paz a posição dos católicos se encontra em antítese estridente com a nossa. Esperam a redenção da graça, invocam a boa

vontade dos santos, quando seria mais oportuno apelas àquela dos homens. Para eles vale só a autoridade, a revelação, a palavra de Deus porque colocam a origem dos fatos humanos fora do homem, em uma vontade suprema que tudo abraça e tudo julga, separando o errado e o certo à luz de uma concepção do bem e do mal que pode valer para escravos, não para homens (GRAMSCI, 1975, p. 179).

Este tema retorna nos Cadernos do Cárcere, tanto para esclarecer aspectos teóricos que sustentam as práticas religiosas, quanto para explicitar os elos entre religião e política na dimensão da ideologia.

Retomamos o Caderno 10, parágrafo 54: *Introdução ao estudo da filosofia: o que é o homem?* Inicia acentuando que não deseja falar do homem singular nem do homem genérico, mas do homem inserido em um processo social, a partir do qual ele se define enquanto devir, ou seja, o “homem é o processo de seus atos”. E acrescenta: a pergunta nasceu do que queremos saber “sobre nós mesmos e sobre os outros”, sobre “o que somos e o que podemos nos tornar”, se realmente controlamos a nossa vida e o nosso destino. E queremos saber nas condições dadas de hoje “da vida de hoje e não de qualquer vida e de qualquer homem”. E esta pergunta se coloca em contraposição à religião católica. O erro fundamental do catolicismo está em conceber o homem como indivíduo isolado e limitado à sua individualidade (GRAMSCI, 1978, p. 1344).

Trata-se, para Gramsci, de pensar o homem como ser social e o humano como produto do conjunto de determinações que se produzem no movimento histórico. A natureza humana se compõe do conjunto de relações sociais que condicionam o modo de pensar e agir dos indivíduos, ou seja “determina uma consciência historicamente definida”, o que faz com que a “natureza do homem não seja alguma coisa de homogêneo para todos os homens em todos os tempos” (GRAMSCI, 1978, p. 1874-1875).

Na definição do que é o homem, a questão da possibilidade se apresenta como relevante: a possibilidade de fazer ou não, ou seja, a existência de condições objetivas de ação e o reconhecimento delas são fundamentais para o exercício da liberdade. “Que existam as possibilidades objetivas de não se morrer de fome e que, mesmo assim, se morra de fome, é algo importante”, significa que, para além de existirem as condições objetivas, os sujeitos devem ter acesso a elas (GRAMSCI, 1978, p. 1338). É esta situação que também define a “natureza humana”: ela não é ponto de partida, mas sim ponto de chegada, ou seja, é construção histórica que implica reconhecer e superar contradições e que pode tanto produzir o “humano” quanto dar lugar à barbárie.

É preciso superar a ideia de que o indivíduo se reduz à sua individualidade, assim como a ideia de que a natureza humana é determinada do exterior e imutável, base para a superação das ilusões geradas pelas religiões. A crítica ao conceito de natureza humana, tanto no catolicismo quanto na filosofia de Benedetto Croce tem como objetivo destruir

os resíduos metafísicos que contaminam a filosofia da praxis, tanto na leitura de Croce quanto no materialismo vulgar ou nos resíduos positivistas que permeiam algumas proposições do materialismo, como Bukharin.

Uma questão fundamental a salientar é que não se trata de propor uma nova ontologia, mas de fazer uma crítica ao pensamento religioso e seus desdobramentos na filosofia e na política. Trata-se, fundamentalmente, de entender como as religiões atuam ideologicamente nas estruturas de poder, contribuindo para consolidar a ordem instituída no imaginário do senso comum. É neste sentido que entendemos a atualidade do pensamento de Gramsci a propósito da religião e da religiosidade, quando acentua o poder fundamentalmente ideológico da religião, tanto pelo ideário transcendente quanto pela educação sistematicamente repressiva, que forma o modo de pensar dos indivíduos desde a primeira infância.

É este o sentido da crítica a Croce, pela sua influência na história da cultura italiana e na formação política do senso comum, na medida em que propõe o ensino confessional nas escolas elementares, como se a “religião fosse boa para o povo”. A oposição dos católicos a Croce se deve ao fato de “compreenderem muito bem o significado e a função intelectual de Croce”, que não se compara aos filósofos tradicionais no sentido da formação de uma concepção de mundo (GRAMSCI, 1978, p. 1218).

Esta breve incursão sobre religião e senso comum nos serve para acentuar a importância de se explicitar a questão da ideologia no âmbito da luta de classes. Ainda na sua crítica a Croce, Gramsci acentua que as ideologias não são meras ilusões, “são construções práticas, instrumentos de direção política, ou seja, poder-se-ia dizer que as ideologias são meras ilusões para os governados”, mas não para os governantes, para os quais são “um engano desejado e consciente” (GRAMSCI, 1978, p. 1319).

As ideologias, e a religião é uma delas, são instrumentos de domínio, a serem explicitados no âmbito da luta política, “para tornar intelectualmente independentes os governados dos governantes, para destruir uma hegemonia e criar outra, como momento necessário de subversão da praxis” (GRAMSCI, 1978, p. 1319).

A religião, portanto, tem uma função fundamental na formação de uma concepção de mundo, atribuição que se amplia na medida em que a ideologia assume novas dimensões com as novas formas de comunicação de massa. Tem-se que considerar a dimensão simbólica no contexto da luta de classes, que consolida as relações de domínio na medida em que apresenta uma leitura parcial e abstrata da realidade, sem considerar os elos sociais, políticos e culturais produzidos a partir da organização do modo de produção e das relações de trabalho.

Com as novas dimensões da ideologia a luta de classes demanda que as classes subalternas adquiram uma autonomia intelectual a fim de superar a subalternidade e isso requer um trabalho contínuo de formação política. Trata-se de superar a visão dualista, positiva e abstrata que perpassa o senso comum e que se alimenta, entre outras tendências,

do ideário religioso. Para tanto, torna-se necessário o domínio da linguagem e, mais ainda, a elaboração de uma linguagem própria, a fim de superar o horizonte ideológico dominante (DIAS, 2012).

Trata-se de superar a fragmentação à qual somos reduzidos para alcançar uma visão mais abrangente das relações sociais e políticas, no sentido de identificar as contradições da própria concepção de mundo. Daí a importância da cultura e da educação no contexto do pensamento gramsciano, como parte da luta hegemônica.

NOTAS SOBRE RELIGIÃO E PROCESSO EDUCATIVO

Gramsci trata a Igreja como uma instituição da sociedade civil que tem uma participação importante na formação do consenso passivo e, conseqüentemente, na manutenção da hegemonia dominante. Como o Estado italiano se mostra frágil, a Igreja amplia a sua influência cultural controlando grande parte do sistema educativo e editorial.

As ações políticas advindas de um Estado autoritário e policialesco e seu pacto ou associação com a Igreja, além dos longos anos de domínio do jesuitismo deixaram traços indelévels na formação do caráter dos indivíduos, como a hipocrisia, fruto da falta de liberdade. Gramsci acentua as características da personalidade dos italianos formada com a influência da Igreja:

Uma das faces mais visíveis do caráter italiano é a hipocrisia. Hipocrisia em todas as formas de vida: na vida familiar, na política, nos negócios. A desconfiança recíproca, os subentendidos desleais correm em nosso país todas as formas de relações: as relações entre indivíduos singulares e entre o individual e a coletividade (GRAMSCI, 1975b, p. 93).

Uma das causas desta deformação do caráter é a educação jesuítica, que continua a se difundir nas escolas e nas famílias, com repercussão na vida cotidiana. Para superar esta mancha, diz Gramsci (1975b), seria necessária a ampla liberdade, ou seja, superar a educação repressiva e a influência ideológica da religião no processo educativo. O “problema da liberdade: política, religiosa, de consciência, de palavra, de ação é, na Itália, mais viva e mais urgente que em qualquer outro país” (GRAMSCI, 1975b, p. 94).

A Igreja tem uma atuação efetiva na educação repressiva, dogmática, visto que entende ensinar religião às crianças, mas sem qualquer menção à política, como se fosse verdadeiro um pensamento universal e neutro numa sociedade cindida em classes sociais antagônicas, em uma ordem social fundada na exploração do trabalho. As crianças, filhos da classe trabalhadora, precisam aprender a entender a realidade em suas contradições, sem ilusões e enganos.

Que a infância seja prazerosa, livre e despreocupada: que não se aprisionem os pequenos cérebros em esquemas preordenados e que as pequenas almas se expandam ao sol, à vida, sem a capa de chumbo de uma doutrina ou de uma religião. [...]. Falar para as crianças de um grande ideal de justiça e de fraternidade... mas entulhar as cabecinhas com o pecado de Eva, [...] eis um método pedagógico maravilhoso. “Pretender que elas saibam o que é a luta de classes é muito” (GRAMSCI, 2015, p. 21).

O método pedagógico defendido por Gramsci supõe entender as relações sociais e políticas que se consolidam em relações de hegemonia e de dominação. A escola deveria dedicar-se ao “desenvolvimento interior da personalidade, a formação do caráter pela absorção e assimilação do passado cultural da civilização europeia moderna” (GRAMSCI, 1978, p. 1544).

A escola deveria ser livre, pública e laica. No artigo *La prima pietra*, referindo-se a um Congresso realizado por pedagogos e psicólogos em Milão para debater os problemas da educação popular. A questão básica era: como o povo deve ser educado? E Gramsci salienta a “tese socialista de uma educação nova, de uma educação simples e francamente humana, a única que convém às classes populares” e que deve ser organizada pelas próprias, a partir dos interesses de classe. “Que a classe dirigente e os intelectuais que estão a seu serviço queiram impor para as grandes massas de trabalhadores rurais e urbanos um plano de educação que sirva para formar um estado de consciência” não é uma novidade (GRAMSCI, 1980, p. 642).

A história pedagógica demonstra que toda classe que empreendeu a conquista do poder tornou-se idônea mediante uma educação autônoma. A primeira emancipação da servidão política e social é aquela do espírito. O programa de educação do proletariado deve ser formulado e efetivado por órgãos que o próprio proletariado constituiu em defesa dos próprios interesses. Eu coloco primeiro esta nova ideia: a escola popular deve ser colocada sob o controle dos grandes sindicatos operários. O problema da educação é o máximo problema de classe e só pode ser resolvido sob o ponto de vista de classe. (GRAMSCI, 1980, p. 643).

Na história pedagógica italiana, na leitura de Gramsci, “a escola foi disputada por duas forças diversas: a Igreja e a Maçonaria”. O povo, porém, “que é o mais interessado, no fundo é completamente estranho e indiferente tanto a uma como a outra tendência”. O debate sobre o tema escola confessional ou escola laica está superado. Trata-se de “mudar de curso e dar ao programa de educação do povo um conteúdo real”, superando a proposta pedagógica burguesa. Se a tarefa que o proletariado se propõe é um futuro diverso, “de elevação e de conquista material e moral, é necessário que se coloquem as bases deste

futuro” com a educação das novas gerações. Este é o caminho para a “fundação do *Estado democrático do trabalho*, que deve substituir o presente estado de violência e de privilégio” (GRAMSCI, 1980, p. 643 – grifo do autor).

No Caderno 3 Gramsci (1978, p. 398) salienta a proximidade entre religião e laicismo e esclarece o sentido de laico na educação escolar: sem a interferência da religião, mas também sem uma abordagem idealista e abstrata, discurso do qual a Igreja se beneficiou tomando-o levemente para garantir-se com as leis do Estado e o controle da educação.

A Igreja procura fortalecer seu poder político pela via da hegemonia cultural, pela formação do senso comum, resgatando a tradição secular da religião na Itália. Da perspectiva da luta de classes, os subalternos precisam criar formas de resistência que se intensifiquem na medida de sua autonomia intelectual, de sua organização política, para superar o horizonte ideológico burguês.

A educação faz parte de um processo de organização política, condição necessária para a elaboração de uma nova concepção de mundo. A escola que interessa aos subalternos é uma escola que as eduque para a função de dirigentes, o que implica uma autonomia crítica, condição para superar o horizonte ideológico burguês.

PARA CONCLUIR

A polêmica de Gramsci com a Igreja e a religião enquanto ideologia permeia os seus escritos desde a atividade jornalística até os Cadernos do Cárcere. Um embate que tem como ponto central a crítica ao pressuposto religioso e transcendente identificado no conceito de natureza humana, cuja expressão no ideário religioso, ao identificar no exterior as causas das ações dos homens justificam a ideia abstrata de igualdade, com significado político. Nesta senda, a ideia de humanidade dos maçônicos também é contestada pela sua abrangência e abstração que também contempla interesses políticos. O humano se produz na história e os homens são o processo de seus atos podendo, portanto, construir o humano assim como a barbárie.

A religião como ideologia assume uma dimensão inusitada no contexto das relações sociais e políticas geradas pelo ideário neoliberal, configurando-se como uma nova arma na disputa hegemônica e na formação de um consenso passivo, dando uma nova dimensão à luta de classes. Desta perspectiva, os conflitos são polarizados e a postura dogmática e fundamentalista destrói as possibilidades de uma política efetiva.

A luta de classes assume novas formas visto que os subalternos “estão desprovidos de um discurso próprio, vale dizer, de um programa autônomo de classe” (DIAS, 2012, p. 12). São presas fáceis do ideário religioso, autoritário e dogmático, que sedimenta o senso comum.

Finalizamos estas breves notas acentuando a importância e a urgência de uma educação emancipadora, que forme dirigentes capazes de organizar e unificar as classes trabalhadoras. Uma educação política, nascida da organização dos movimentos sociais, a fim de renovar também a escola no seu interior, questão que deixamos aqui para os pedagogos.

Ainda retomando as palavras de Gramsci (1980, p. 643), “tiremos das classes dirigentes a educação do povo, que os direciona para a obra de destruição e de sangue e teremos feito o primeiro e decisivo passo em direção a uma nova era”. Uma tarefa que só pode ser efetivamente realizada num processo de organização política das classes trabalhadoras.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Gesammelte Schriften VI (Fragmente Autobiographische)**. Frankfurt a.M.: Suhrkamp Verlag, 1991.

DIAS, Edmundo Fernandes. **Revolução passiva e modo de vida – ensaio sobre as classes subalternas, o capitalismo e a hegemonia**. São Paulo, Ed. Sundermann, 2012.

GRAMSCI, Antonio. **Scritti 1917**. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 2015.

GRAMSCI, Antonio. **Sotto la Mole (1916-1920)**. Torino: Einaudi, 1975.

GRAMSCI, Antonio. **Scritti Giovanili (1914-1918)**. Torino: Einaudi, 1975b.

GRAMSCI, Antonio. **Cronache Torinesi (1913-1917)**. Torino: Einaudi, 1980.

GRAMSCI, Antonio. **Quaderni del Carcere**. Torino: Einaudi, 1978.

LOSURDO, Domenico. **A luta de classes: uma história política e filosófica**. São Paulo: Boitempo, 2015.

SCHLESENER, Anita Helena. **Antonio Gramsci: escritos sobre educação e política (1916-1919)**. Revista Praxis Educativa, Ponta Grossa, v. 12, n. 3, p. 1035-1040, set./dez. 2017. Disponível em:
<<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>>

NOTAS

¹ Professora da Universidade Tuiuti. Endereço eletrônico: anitahelena1917@gmail.com

² Em outro contexto, lembramos as reflexões de Walter Benjamin sobre o capitalismo como parasita do cristianismo: “O capitalismo - que se deve demonstrar que decorreu não só do calvinismo, mas também das restantes orientações ortodoxas cristãs – desenvolveu-se no Ocidente como um parasita do cristianismo e de tal modo que, no fim das contas, a história do cristianismo é, no essencial, aquela do seu parasita” (BENJAMIN, 1991, GS-VI, p. 102).

Recebido em 22 de outubro de 2020

Aceito em 22 de dezembro de 2020

Editado em abril de 2021